

Mobilização social: por um habitar-ocupar a fissura colonial¹

Ives Teixeira SOUZA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

O trabalho discute como a mobilização social está inserida nas relações temporais moderno-coloniais. Assim, há a compreensão de que a mobilização social pode atuar tanto pelo habitar a colonialidade (o reconhecer a condição da impossibilidade de sermos modernos) quanto pelo ocupar (gerar táticas para ocupar a fissura colonial). Para tanto, é analisada a dissertação “‘Imagina se’: elaboração de imaginários convocantes e mobilização de sentidos por líderes comunitários da Grande BH” (Vargens, 2023) e a tese “Quando o luto é luta, mobilização é ato criativo: experiências coletivas de jovens e mães em luta contra o genocídio da juventude negra” (Lima, 2023). Diante disso, são apresentados indícios da mobilização social como um processo de comunicação que recusa a proposta temporal da modernidade.

Palavras-chave: mobilização social; temporalidade; colonialidade; cidadania.

Introdução

A proposta é discutir, ainda que em um exercício inicial, como a mobilização social está inserida nas relações temporais moderno-coloniais. A mobilização social, entendida como um processo de comunicação (Toro; Werneck, 1996; Henriques et al., 2002; Mafra, 2010), foi pesquisada regularmente desde meados dos anos 1990 e neste quarto inicial do século XXI³. Como nos lembram Toro e Werneck (1996), “a mobilização social é uma forma de construir, na prática, o projeto ético proposto na constituição brasileira: soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político” (Toro; Werneck, 1996, p. 3).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Discursos, Identidades e Relações de Poder, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutorando em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, relações-públicas pela mesma instituição, e-mail: ives@ufmg.br

³ Em destaque, os trabalhos realizados no âmbito do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais em forma de projetos de extensão, de ensino e de pesquisa.

Rennan Mafra (2010) nos lembra que o presente, o passado e o futuro estão ali para propiciar os símbolos necessários à “emancipação social, dotando os indivíduos de liberdade e autonomia na configuração de suas redes de relações e interações” (Mafra, 2010, p. 117). Para o autor, cada mobilização tem suas dinâmicas, suas causas, seus processos comunicativos em ação para a cidadania, de modo a ser “essencialmente como uma prática comunicativa de organização de perspectivas compartilhadas e moldadas intersubjetivamente” (Mafra, 2010, p. 117).

Porém, este trabalho assume a provocação de Rennan Mafra (2022), visto que, para ele, na contemporaneidade “já não é mais possível acreditar, coletivamente, num projeto de futuro único, pautado pela impressão de aperfeiçoamento geral e contínuo, tendo em vista suas desastrosas consequências sentidas socialmente” (Mafra, 2022, p. 96). Nossa intenção, assim, é por polinizar, como apontou Mafra (2022), uma leitura comunicacional que acontece pelas frestas para escancarar a “falência do progresso” (Mafra, 2022, p. 102).

Habitar-ocupar a fissura colonial

Assim, a proposta é menos compreender a mobilização social pela busca por cidadania e mais no sentido dela provocar ações para habitar-ocupar a fissura colonial — as frestas, apontadas por Mafra (2022) — em meio às articulações das formas de disputa das experiências temporais (Campos; Jácome, 2025; Jácome, 2020). Julieta Campos e Phellipy Jácome (2025) nos lembram, a partir do que eles chamam de rica fortuna crítica latinoamericana recente, que o conceito de modernidade “cria um novo espaço-tempo no qual identidades diversas são submetidas a dimensões coloniais, e que, por sua vez, são habilitadas por um paradoxo complementar que divide sujeitos e territórios” (Campos; Jácome, 2025, p. 117, tradução nossa). Nesse sentido, eles dizem,

No entanto, a impossibilidade de ajustar temporalidades, corporalidades e territorialidades diversas, ambíguas e contraditórias a uma única lógica epistêmica e ontológica dá origem a diversas formas de reconhecer a fissura imposta pelos processos de modernidade-colonialidade e, consequentemente, de gerar formas criativas de habitá-la”. (Campos; Jácome, 2025, p. 117, tradução nossa).

A partir dessa citação, compreendemos serem dois os movimentos e que eles são complementares. O primeiro é o “habitar a fissura colonial” — o gesto de reconhecer a condição da colonialidade, a impossibilidade de sermos modernos. O segundo é o de “ocupar a fissura colonial” — capaz de gerar e praticar táticas para romper com a colonialidade, para outros modos de vida, em relações entre corpo-tempo-território que vão além do habitar. Esse ocupar exige tática, um pensar com, uma pesquisa-ação que vai de encontro à Ciência Moderna (Silva, 2019).

Então, como a mobilização social se insere nessas formas criativas de habitar e ocupar a colonialidade? Ainda numa tentativa para essa resposta, analisamos a dissertação “‘Imagina se’: elaboração de imaginários convocantes e mobilização de sentidos por líderes comunitários da Grande BH” (Vargens, 2023), e a tese “Quando o luto é luta, mobilização é ato criativo: experiências coletivas de jovens e mães em luta contra o genocídio da juventude negra” (Lima, 2023), ambas defendidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

Por frestas da fissura colonial

A dissertação explora a comunicação para mobilização social a partir de líderes comunitários em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). Ednéia, Eliete e Julio Fessô são analisados, em suas falas públicas, para o entendimento de como eles constroem estratégias de convocação de imaginários para acionarem horizontes de sentidos compartilhados (Vargens, 2023). Negros, moradores de regiões da periferia de BH, são muitas as características que podem ser colocadas em comum a essas pessoas. Os líderes, ao compartilharem vivências próximas, formam públicos em sua volta que passam a entendê-los como liderança por determinada causa. Assim, a dissertação evidencia o acionar sentidos pelo corpo-território que os aproximam por uma temporalidade comum (colonialidade); é a abertura para a chave de um compartilhamento temporal já existente (ainda que não compreendido enquanto colonialidade); é a chave para o habitar a fissura colonial — o reconhecer como condição da modernidade a não possibilidade de vida.

Na tese, a mobilização social está encarnada em vivências marcadas pela experimentação de tensionamentos às barreiras que impedem a efetividade dos

direitos sociais (Lima, 2023). Para a autora, a mobilização — por apresentar suas dimensões estética, expressiva, poética e política — pode ser caracterizada pela sua dimensão vivencial. Essa dimensão vivencial, que para ela caracteriza a mobilização — no caso estudado, é a mobilização do luto em direção à luta coletiva pela vida (Lima, 2023), em nossa pretensão parece querer ocupar a fissura colonial por suas relações em corpo-tempo-território da colonialidade.

Ocupar exige táticas para romper com a colonialidade. E quais são elas? A tese demonstra o formar e espalhar de multiplicadores, por exemplo, por meio da Rede Mães de Luta e do Fórum da Juventude da Grande BH. Para Lima (2023), dessa maneira, a mobilização social deve ser experimentada na luta pela vida. A dimensão vivencial, então, exige táticas, como a de multiplicadores, apresentada. É nesse clamor, na luta pela vida, que se constroem táticas para ocupar a fissura, como o modo poético das lutas presentes nos processos de mobilização social, para além da performance pública e da organização dos públicos. Essas táticas, ela diz, são artesanias pela experimentação: “A artesanaria [...] é uma prática singular, alicerçada numa coletividade, em que são inventados e experimentados, todo o tempo, modos de criar, de tecer relações, de dar forma, de expressar. É uma usina de invenções e transformações” (Lima, 2023, p. 373). O que nos mostra o desejo de uma mobilização que faça além de habitar, mas que, de fato, busque ocupar a fissura colonial — um experimento para além de um mundo ordenadamente moderno (Silva, 2019).

Diante disso, este trabalho é um esforço inicial para compreender a mobilização social como um processo de comunicação que recusa a proposta temporal da modernidade. A mobilização social parece pode atuar nesse habitar a colonialidade (o reconhecer a condição da impossibilidade de sermos modernos), conforme exemplificado pelo trabalho de Vargens (2023). E também no ocupar (gerar táticas para ocupar a fissura colonial), apresentado por meio de Lima (2023). Movimentos esses complementares para ir além da falência do progresso (Mafrá, 2022). Por fim, pergunta-se como, efetivamente, essa compreensão temporal, que cabe ser analisada em mais processos de mobilização social, pode auxiliar para as reflexões teórico/práticas sobre a temática.

Referências

CAMPOS, Julieta Kabalin; JÁCOME, Phellipy Pereira. Presentación del Dossier. Cuerpos, tiempos, territorios: tácticas para habitar la fisura moderno- colonial. (2025). Recial, 16(27), 116-119. 2025.

HENRIQUES, Márcio Simeone. et. al. (orgs.). Comunicação e estratégias de mobilização social. 1. ed. Pará de Minas: Fundação Gênesis, 2002.

JÁCOME, Phellipy. Narrativas, direito ao tempo e vulnerabilidades. In: MIRANDA, C. M.; SOUSA, M. E.; CARVALHO. C. A.; LAGE, L. R. (Org.). Vulnerabilidades, narrativas e identidades. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020. p. 91-108.

LIMA, Rafaela Pereira. Quando o luto é luta, mobilização é ato criativo: experiências coletivas de jovens e mães em luta contra o genocídio da juventude negra. Tese (Doutorado em Comunicação Social - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 390 f, 2023.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. Logos, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 89, 2022.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional. Mediação (Belo Horizonte), v. 11, p. 105-118, 2010.

SILVA, Denise Ferreira da Silva. A dívida impagável. Oficina de Imaginação Política e Living Commons, São Paulo, 2019.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Brasília: Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior e Unicef, 1996, 104p. (Brasília, MJ, 1997, 149p.)

VARGENS, Nathália Freitas “Imagina se”: elaboração de imaginários convocantes e mobilização de sentidos por líderes comunitários da Grande BH. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. UFMG, 105f., 2023.